



## Diálogos entre professores em/sobre formação continuada virtual: sentidos inacabados e provisórios no Facebook

Maria Cristina Lima Paniago

*Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Católica Dom Bosco, Avenida Tamandaré, 6000, Jardim Seminário, 79117-900, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: cristina@ucdb.br*

**RESUMO.** Esse texto é recorte de uma pesquisa ampla e tem como objetivo analisar os diálogos construídos entre professores em/sobre formação continuada virtual. O grupo participante da pesquisa é constituído por professoras indígenas da etnia Terena e professores/alunos pesquisadores pertencentes a uma Universidade privada do estado de Mato Grosso do Sul. A formação continuada acontece há dois anos, tanto no ambiente presencial como no virtual. Nesse texto, restringimo-nos às trocas realizadas na rede social Facebook. Salienta-se que entendemos que os diálogos não são exclusivamente permeados por consensos, mas por diferenças, resistências, reflexões, construções e desconstruções. Estas são as grandes riquezas de um grupo intercultural, pois o 'caos' e o (des)equilíbrio podem ser entendidos como uma perspectiva crítica de se (re)construir outras possibilidades de conhecimentos. Os dados evidenciaram a necessidade que temos como pesquisadores de escutar mais, de nos deixar afetar pelo que nos cerca, ao mesmo tempo em que afetamos os outros, além da importância de entendermos os nossos sentidos estabelecidos em relação à formação continuada como provisórios e inacabados, em permanente movimentação.

**Palavras-chave:** formação docente indígena, diálogos em rede social, interculturalidade.

## Dialogues among teachers in/about virtual continued formation: provisional and unfinished meanings in the Facebook

**ABSTRACT.** Current paper is a section of a larger research work to analyze the constructed dialogues among teachers in/about continuous virtual formation. Indigenous teachers from the Terena ethnicity and professors/students researchers belonging to a private University in the state of Mato Grosso do Sul, Brazil, make up the participating research group. Continuous education started some two years ago in the classroom and on the web. Exchanges made on the social network Facebook are focused in current paper. It should be underscored that dialogues are not always characterized by agreements and consensus, but by differences, resistance, reflections, constructions and deconstructions. They are the wealth of an intercultural group since chaos and disequilibrium may be understood as a critical perspective of the (re)constructing of other possibilities of knowledge. Data show the necessity for researchers to listening more, to being influenced by surrounding factors whilst, at the same time, others are affected. Besides, the importance of understanding established meanings with regard to continuous education as provisional and unfinished, in permanent movement, should be foregrounded.

**Keywords:** virtual indigenous teaching formation, dialogues in social network, interculturality.

### Introdução - A nossa pesquisa: algumas conexões de quem somos e o que fazemos

Há dois anos acontece a formação continuada em contexto presencial e virtual entre professores indígenas e professores/alunos pesquisadores de uma Universidade privada de Mato Grosso do Sul. Tal formação originou-se do desabafo de uma professora indígena terena que afirmava a inexistência de um espaço de discussão sobre as tecnologias educacionais e suas implicações na prática docente na escola em que está inserida.

Assim, um grupo de estudos e pesquisa que investiga e pesquisa tais questões iniciou o trabalho de formação, ancorado na perspectiva de valorizar as vozes de professores 'ignorados'. Nesse sentido, a abertura de tal espaço teve como foco incorporar olhares dos despossuídos e oprimidos (APPLE, 1995), no caso, dos professores indígenas sobre suas experiências, práticas e concepções relacionadas à docência mediada pelas tecnologias, seus sentidos e significados muitas vezes invisíveis à sociedade não indígena.

Desse modo, esse artigo constitui-se em um recorte de uma pesquisa maior e propõe analisar os diálogos construídos em ambiente virtual entre professores participantes em/sobre uma formação continuada: trocas realizadas na rede social Facebook.

No início da formação continuada, havia doze professores indígenas. No momento há oito, devido à grande rotatividade de docentes que passam pela escola. Muitos deles são contratados temporariamente, fato que gera mudança de escola a cada início de ano.

Os professores indígenas são da etnia Terena e têm idade entre 20 e 50 anos, com ensino superior completo (licenciaturas), alguns com pós-graduação. A maior parte deles ministra aulas há algum tempo, possuindo experiência na docência. Além deles, há oito professores/estudantes pesquisadores, membros de um grupo de estudos e pesquisas, que participam do processo, ora como ‘formadores’, ora como ‘em formação’, pois segundo Freire (1996), o ensinar e o aprender se misturam, ou seja, a pessoa que ensina aprende ao ensinar e a que aprende ensina ao aprender.

Os encontros entre os professores participantes da formação acontecem de modo presencial e virtual. Nesse texto, centramos a análise apenas naqueles ocorridos na rede social Facebook, os depoimentos foram mantidos em sua íntegra foi preservado o anonimato de seus autores, denominados como professor ou professora acrescido de uma letra do alfabeto.

O foco da formação é promover a discussão, a partilha, a problematização, o estudo e a pesquisa sobre as temáticas relacionadas à tecnologia educacional, tais como: concepções sobre tecnologias de informação e comunicação inseridas no contexto educacional; formação de professores e suas práticas docentes mediadas pelas tecnologias; interação, colaboração e reflexão no contexto de uma sociedade tecnológica.

É uma pesquisa de abordagem qualitativa e colaborativa, no sentido de que as experiências dos pesquisadores e professores são valorizadas e compartilhadas dentro de um contexto social. Segundo Ibiapina (2008, p. 114), a pesquisa colaborativa

[...] aproxima a universidade da escola, visto que, de um lado, contempla o campo da pesquisa, quando o pesquisador aproxima suas preocupações das preocupações dos professores, compreendendo-as por meio da reflexividade crítica [... além de que] proporciona condições para que os professores revejam conceitos e práticas; e de outro lado contempla o campo da prática.

Para tentar entender os sentidos que construímos sobre os diálogos estabelecidos entre os professores em/sobre uma formação continuada em contexto virtual, na rede social Facebook, buscamos subsídios nas discussões sobre interculturalidade e sobre as conexões em rede na sociedade digital.

### **Alguns imbricamentos: formação continuada de professores em contexto intercultural e em rede social**

O conceito de formação que subsidia esta pesquisa é “[...] o de passar a formação de professores para ‘dentro’ da profissão [...]” (NÓVOA, 2009, p. 36). Segundo o autor, o professor deve ser visto como um eterno aprendiz, em processo de aprendizagem permanente, ao longo de sua vida profissional: “[...] articulação da formação inicial, indução e formação em serviço numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida [...]” (NÓVOA, 2009, p. 13). Ainda acrescenta a necessidade das “[...] culturas colaborativas, do trabalho em equipe, do acompanhamento [...]” (NÓVOA, 2009, p. 13).

Nesse sentido, esse processo de formação articula-se ao conceito de Freire (2005) sobre diálogo. Segundo o autor, não é possível dialogar se não tivermos a humildade para aceitar a contribuição dos outros sem temer ou sofrer a superação do velho. O homem apreende a realidade por meio de uma rede de colaboração na qual cada ser ajuda o outro a desenvolver-se, ao mesmo tempo em que também se desenvolve. Todos aprendem juntos e em colaboração. “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo [...]” (FREIRE, 1993, p. 9).

Quando nos referimos a esta abertura ao outro, acreditamos na dialogicidade a qual Freire (1983, p. 43) define como: “Ser dialógico é viver o diálogo [...] é não invadir ou manipular. Ser dialógico é estar engajado a uma constante transformação da realidade”. O autor salienta que em qualquer hipótese, a intenção do diálogo é a “[...] problematização do próprio conhecimento em uma realidade concreta, ou seja, entendê-lo melhor, explicá-lo e transformá-lo” (FREIRE, 1983, p. 52).

Destacamos que, antes de nos debruçarmos sobre os diálogos evidenciados na rede, acreditávamos que poderíamos ‘escutar’, nas trocas realizadas no Facebook, muito mais do que consensos, consonâncias, entendimentos, unanimidades e harmonia. Em nosso entendimento, o diálogo intercultural ultrapassa uma visão romântica de algo sem conflitos e desafios

(CANDAU, 2010). Sob uma perspectiva intercultural, a autora considera o quanto é relevante considerar os diferentes conhecimentos e saberes que permeiam o diálogo, suas tensões e conflitos, sem qualquer pretensão de hierarquizá-los.

Cabe-nos refletir como essa situação ocorre quando somamos a ela outro elemento: o contexto digital, mais especificamente, neste trabalho, a rede social Facebook. De acordo com Recuero (2012, p. 5),

[...] recentemente, o Facebook atingiu a marca de 800 milhões de usuários em todo o mundo, tornando-se uma das maiores ferramentas de comunicação na Internet em número de usuários.

Segundo a autora,

[...] essas ferramentas pertencem à categoria cada vez mais popular dos ‘sites de rede social’, ou seja, ferramentas que proporcionam a publicação e a construção de redes sociais (RECUERO, 2012, p. 16).

Acrescenta que “[...] as redes sociais são as estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem os grupos sociais [...]” e que

[...] nessas ferramentas, essas redes são modificadas, transformadas pela mediação das tecnologias e, principalmente, pela apropriação delas para a comunicação (RECUERO, 2012, p. 16).

Podemos questionar, diante desse contexto tecnológico, se as redes sociais são realmente sociais, como já problematizadas por Primo (2013) em relação às mídias sociais. O autor pontua que depende de como interpretamos o social. Para ele, muito mais do que reunir pessoas e envolver humanos, “[...] o social só se estabelece naqueles momentos em que associações ocorrem [...]” (PRIMO, 2013, p. 28). Além disto, é necessário considerar “[...] todos os atores que fazem diferença no curso da ação [...]”, no caso, o próprio Facebook, como actante que participa e transforma as associações:

[...] sim, muitos actantes não humanos atuam como simples intermediários, transmitindo informações. Mas, em diferentes momentos entram no processo como mediadores, impondo diferenças significativas nas ações em andamento (PRIMO, 2013, p. 28).

Logo, o fazer diferença, o participar e o transformar são atitudes, neste contexto intercultural de formação continuada no Facebook, que envolvem educação e cultura, intersecções de narrativas dos professores participantes que se entrelaçam, tanto nas semelhanças como nas oposições. Pensamos,

portanto, em abrir espaço para ‘escutar’ a dialogicidade intercultural e construir alguns sentidos, inacabados e provisórios, sobre os diálogos entre professores em/sobre formação continuada. Para Freire (1996), saber escutar é muito mais do que a capacidade auditiva, é abertura à fala do outro. Portanto, o silêncio precisa ser desenvolvido pelos que falam e escutam, a seu tempo, em uma comunicação dialógica. Isso não significa isenção de discordâncias, ao contrário, o ‘escutar’ abre espaço para preparar melhor posicionamentos, sistematizações e contribuições.

### **Alguns sentidos inacabados e provisórios: interações, mediações e apropriações**

O diálogo parece ser um tema bastante recorrente nas trocas entre os professores participantes da formação. Por meio dele, é possível descobrir novas coisas e, conseqüentemente, ensinar e aprender. Há uma relação estreita entre o diálogo e o ensino e aprendizagem e, principalmente, quando se referem ao grupo como um todo, enfatizando uma atitude de colaboração e de valorização do outro, aquele que traz consigo sua cultura, experiências, contribuindo com a formação individual e coletiva, conforme os excertos a seguir:

Realmente, ao ensinar também aprendemos. As crianças trazem consigo diversos conhecimentos, os professores podem e devem trocar conhecimentos, experiências, culturas, o diálogo possibilita vários caminhos e metodologias, para que de fato, ocorra o aprendizado de todos os envolvidos neste tão importante processo, a ‘educação’ (Professora A).

[...] sem dúvida [...], todos estamos aprendendo pois a cada encontro e diálogo há uma nova descoberta que serve p nosso aprendizado [...] (Professora E).

Faz-se necessário o diálogo intercultural, pois é o reconhecimento da existência do outro (Professora A). Diálogo é uma forma de comunicação essencial a todos seres humanos, seja ela de qualquer raça, religião ou credo, uma forma de aliviar as necessidades, buscar auxílio e compartilhar bons e maus momentos [...] (Professora N).

Interessante notar no segundo excerto da professora A, a necessidade em chamar atenção sobre a importância do diálogo intercultural, aquele que reconhece a existência do outro. Segundo Candau (2010, p. 23), “[...] a perspectiva intercultural promove uma educação para o reconhecimento do ‘outro’, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais”.

As provocações das professoras A, E, N fazem com que o grupo participante da formação reflita sobre as formas de diálogos estabelecidos na rede e

suas implicações na prática docente. Na perspectiva de Freire, ele só é viabilizado por meio da abertura ao outro e ao mundo, ao deixar-se questionar e ser questionado. Segundo o autor, a abertura é que viabiliza o diálogo, é a experiência fundante do inacabado, é um gesto de relação dialógica em que a inquietação e a curiosidade podem ser confirmadas como permanente movimento inconcluso (FREIRE, 1996).

Nesse sentido, a professora N pontua sua concepção sobre a educação, como algo inacabado, principalmente quando se está inserido em uma sociedade intitulada tecnológica ou digital com muitas mudanças já acontecendo em diferentes contextos e situações.

[...] toda educação tem um começo, mas nunca um fim [...] sinceramente nós professores deveríamos passar por uma reciclagem pois as mudanças estão a nossas portas e, muitas vezes, não sabemos lidar com essas mudanças principalmente a tecnologia, principalmente nossas escolas deveriam estar muito mais preparadas e equipadas para receber nossos alunos (Professora N).

A professora N evidencia uma crítica em relação à formação docente e à infraestrutura tecnológica das escolas. Afirma que os professores, inclusive ela própria, “[...] deveriam passar por uma reciclagem [...]”, pois não sabem “[...] lidar com essas mudanças principalmente a tecnologia”. A relação entre os professores e as tecnologias, que pode ser tanto no nível técnico como no pedagógico e metodológico, parece estar abalada ou pouco estreita, com carências de maior aproximação e familiarização entre os mesmos.

O depoimento da professora N anuncia um conflito entre professores, alunos, tecnologia, escola, sociedade e política pública. Há um descompasso entre a inovação e o uso de suas potencialidades de maneira qualitativa e crítica, principalmente por ser uma escola indígena que, muitas vezes, é considerada como quase ‘invisível’, sem recursos e formações suficientes. Do mesmo modo, a professora A exterioriza o sentido que atribui aos diferentes contextos de sala de aula, aquele em que há tecnologias e professores capacitados e o que não conta com tais elementos:

Nas escolas dos países desenvolvidos, observamos que em sala de aula cada aluno possui o seu note ou tablet com acesso a internet, uma ferramenta utilizada diariamente com acompanhamento feito por professores capacitados. Isso infelizmente ainda não é a nossa realidade, porém podemos utilizar o que temos em nossas escolas de forma planejada, e ousar, com o objetivo de trazer as ferramentas tecnológicas em favor da educação. Nas

comunidades indígenas, as crianças estão conhecendo, ficam deslumbradas, é necessário mostrar a elas que o uso correto destas ferramentas contribui no aprendizado e pode ser o maior aliado do professor. E que através da internet abre-se uma infinidade de possibilidades de aprendizagem, tanto ao aluno quanto ao professor (Professora A).

Importante notar que, mesmo diante de uma situação de carência tecnológica, de formação docente, a professora articula um mecanismo para driblar a realidade: ousar com o que tem disponível no sentido de avançar na aprendizagem, tanto do aluno como do professor.

Os professores participantes da formação também evidenciam outros saberes, que não os científicos, acadêmicos e/ou tradicionais, importantes em suas concepções. Valorizam a natureza, as coisas simples do dia-a-dia, elementos que podem somar nessa formação que vivemos ao longo da vida. Segundo a professora E:

[...] diante de tanta tecnologia, às vezes deixamos de lado as coisas mais simples da vida, mas que são essenciais para termos um dia maravilhoso e momentos que jamais voltarão.

A tradição e a história já vivida e experienciada aparecem como elementos importantes dentro da comunidade e que podem ser resgatados, conforme o excerto da professora E:

Na nossa comunidade, antigamente, era realizado um baile quando se batizava uma boneca. A minha tia conta que era muito boa festa como aquela. Não existe mais, se perdeu com o passar do tempo.

Somada à tradição e à simplicidade, aparece a cultura indígena, que jamais é deixada em segundo plano no contexto da inserção das tecnologias nas práticas educativas. Essa somatória de elementos constitui o desafio que os professores enfrentam em suas escolas, manter um diálogo intercultural e tecnológico, valorizando elementos mitológicos em diálogo com o mundo contemporâneo, conforme o excerto a seguir:

Este é mais um desafio aos nossos educadores indígenas, utilizar a tecnologia nas nossas escolas, um constante diálogo entre a cultura indígena e os avanços tecnológicos no ensino-aprendizagem (Professora A).

Este desafio implica em uma construção coletiva, com multiplicidades de sentidos oriundos daqueles que vivem a situação em foco, a formação continuada em contexto intercultural e tecnológico. Segundo Antunes (2002, p. 86): “Não é possível, para Paulo Freire, que a Leitura de Mundo seja

esforço intelectual que uns façam e transmitam para outros”. Para a autora,

Ela é uma construção coletiva, feita com a multiplicidade das visões daqueles que o vivem. O desvelamento da realidade implica na participação daqueles que dela fazem parte, de suas interpretações em relação ao que vivem.

A tecnologia, segundo o diálogo estabelecido entre as professoras A, E e F, pode potencializar a aprendizagem, entretanto não é suficiente por si só. Além do esforço pessoal de cada um, também há a proteção divina, sentidos atribuídos por elas nas postagens a seguir:

[...] sem o uso das tecnologias, ou seja, o note seria impossível a realização do meu TCC, pois isso comprova que nós indígenas podemos realizar e vencer qualquer obstáculo que possa surgir em nossas vidas e sempre confiando em Deus, pois sem sua proteção não seríamos nada é através dele que adquirimos a cada dia novos conhecimentos (Professora E).

A tecnologia contribui muito na parte técnica do nosso TCC, mas nossa dedicação também é essencial [...] estou aqui para o que precisar (Professora F).

[...] conto com vc [...] pois até o ano em que recebemos essa inovação eu não sabia postar os meus comentários (Professora E).

É a inovação chegando nas comunidades indígenas, porém sem deixar de ser quem somos culturalmente (Professora A).

[...] utilizar mecanismos que possa favorecer a tecnologia a nosso favor, valorizando e nunca esquecendo nossas raízes e principalmente de onde viemos (Professora E).

O preconceito infelizmente está presente em nossa sociedade principalmente com negros, índios e os menos favorecidos. Apesar disso, é necessário mostrar aos jovens a importância de se preservar a cultura, raízes, saberes, a tradição. A língua é a maior [...] (Professora A).

Os diálogos revelados pelas professoras fazem com que reflitamos e ressignifiquemos nossos sentidos em relação à formação continuada. Quais saberes e conhecimentos priorizamos quando pensamos em uma formação continuada? Qual importância estabelecemos para estes saberes? Há espaço para outros conhecimentos que não os tradicionais? Como estabelecemos a relação do escutar e do falar em um contexto em que a diferença emerge? Como entendemos a diferença? Todas estas questões vão ao encontro da abertura e respeito à alteridade do diferente, à promoção do diálogo pontuado por Vieira (1999, p. 368) em que “[...] professores sejam capazes de pôr em prática a pedagogia da divergência e não apenas de convergência”.

## Considerações finais

O que podemos responder às questões levantadas no parágrafo anterior? Talvez, possamos ousar pensar sobre tais questões com algumas respostas que não se finalizam, ou se reconstruem permanentemente, contextuais, individuais e coletivas, respostas que nos fazem pensar em outras perguntas, como algo que cada vez mais nos inquieta, instiga a pensar, a refletir, a entender o inacabamento e a incompletude dos sentidos que atribuímos às tramas que envolvem a formação continuada em contexto intercultural e virtual.

Tais tramas acontecem permeadas das culturas vivenciadas e expressadas nos diálogos realizados, no caso desta pesquisa, durante a formação oferecida. Podemos arriscar afirmar que a formação continuada virtual em foco pode propiciar novas (des)conexões e (inter)relações entre diferentes leituras e sentidos sobre os diálogos emergentes dentro do grupo de professores.

Vale lembrar que o conceito de cultura não se limita a um conjunto de costumes que constitui a herança cultural de uma comunidade. Na perspectiva de Geertz (1989, p. 10),

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos: ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível isto é, descritos com densidade.

Sendo assim, a imersão no campo da pesquisa é fundamental no sentido de ‘escutar’ o que emerge dele e, melhor ainda, se esta escuta acontecer de forma profunda. É nesta dimensão que pretendemos continuar nos lançando.

## Referências

- ANTUNES, A. **Leitura do mundo** - no contexto da planetarização - por uma pedagogia da sustentabilidade. 2002. 212f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- APPLE, M. W. **Education and power**. 2nd ed. New York: Routledge, 1995.
- CANDAU, V. M. F. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: CANDAU, V. M.; MOREIRA, A. F. (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 13-37.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

IBIAPINA, I. M. L. M. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro, 2008.

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PRIMO, A. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, A. (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 13-32.

RECUERO, R. **A conversação em rede**. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

VIEIRA, R. **Histórias de vida e identidade**. Professores e interculturalidade. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

*Received on March 31, 2014.*

*Accepted on August 28, 2014.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.